

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, são diversas as possibilidades do real na cena. Mas, e na dramaturgia, como este aspecto é trabalhado? Como o real pode ser o substrato para a criação? Essas são algumas perguntas que alimentam esta investigação.

O presente trabalho investiga a construção de uma dramaturgia a partir de relatos de sujeitos em situação de cárcere. A construção dessa escrita é baseada em histórias de pessoas reais e se utiliza de procedimentos do Teatro de Testemunho e do Teatro Documentário.

OBJETIVO

Investigar a construção de uma dramaturgia a partir de relatos de sujeitos em situação de cárcere.

“Histórias têm importância. Muitas histórias têm importância. Histórias já foram utilizadas para desapossar e difamar. Mas elas também podem ser utilizadas para dar poder e humanizar. Histórias podem quebrar a dignidade de um povo, mas também podem reparar a dignidade perdida.” Chimamanda Adichie

A CONSTRUÇÃO DE UMA DRAMATURGIA DA ESCUTA: A PRÁTICA DA ESCRITA DRAMÁTICA A PARTIR DE RELATOS DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

Caroline Vetori de Souza*

Orientador Dr. Clóvis Dias Massa

METODOLOGIA

Iniciamos com o levantamento de diferentes fontes para a criação dramática. Assim, são utilizados fragmentos de entrevistas, dados estatísticos e afins para a composição, na qual o caráter narrativo está presente. Contudo, se mescla com momentos de representação, visando dotar a peça de corporeidade. Estão sendo criadas diferentes situações em diálogo com o todo. A noção de suspensão motivou a escrita, visando que as cenas concebidas não fossem fechadas, estendendo ao espectador a necessidade de reflexão.

DESENVOLVIMENTO

Primeiro, iniciamos o levantamento de materiais. Paralelamente, buscamos aproximação com alguns presídios, a fim de entrar em contato direto com pessoas em situação de cárcere. Através da pesquisa de estudiosos que tratam do tema, realizou-se uma entrevista com Maria Palma Wolff, ex-diretora do Madre Pelletier. Através do contato com Wolff, tomamos conhecimento do livro *Mulheres e prisão: a experiência do observatório de direitos humanos da Penitenciária Feminina Madre Pelletier*, que se somou como fonte para a tecitura dramática. Através do contato com as instituições carcerárias, o Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF) mostrou-se aberto para receber oficinas de teatro. Assim, nos aproximamos deste, visando desenvolver com as jovens tal trabalho, somando também como disparadores poéticos para a criação artística.

RESULTADOS PARCIAIS

Compreendemos que os relatos podem ser acolhidos no gênero de Teatro Documentário, alargando seu escopo e, ainda, convidando o compartilhamento de experiências de modo sensível e dialógico com seu meio. Com esse compartilhamento de histórias, vislumbramos uma aproximação com questões que são emergenciais e, por vezes, encontram-se subterrâneas.

O caráter épico, assim, irrompe proporcionando um estranhamento, que fomenta a historicização. Ao buscar as intersecções entre as diferentes histórias, desembocamos no aspecto sociopolítico que as atravessa e, por vezes, as condiciona, aludindo aos aspectos macroestruturais. Esses, por sua vez, cotidianamente, estão dados através de estatísticas, reportagens e afins. Contudo, visto que vivemos em uma época de ascensão da subjetividade, tais dados acabam não tendo a mesma força que um relato pode ter, pois é dotado “de corpo a figura do ‘ator social’”. (ARFUCH, Leonor, 2010, p.15)

A dramaturgia pode ser catalisadora de diferentes vozes. O caráter polifônico emerge devido à multiplicidade de vozes que comporta, em oposição às grandes narrativas. Assim, até o presente momento, esboçou-se a noção de uma dramaturgia da escuta, inspirando-se na definição de Alessandro Portelli quanto à História Oral como arte da escuta. Buscar que tais palavras ecoem é compreender a dramaturgia enquanto ponte de diálogo, janela para outros horizontes. A ideia de dar voz que, por vezes, é utilizada foi problematizada, visto que remete a uma postura paternalista. Por isso, nos alinhamos a ideia de dar escuta pois essas vozes possuem sua autonomia.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CONCÍLIO, Vicente. *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOLER, Marcelo. *Teatro Documentário – A Pedagogia da Não-Ficção*. São Paulo: Hucitec, 2010.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

WOLFF, Maria Palma. *Mulheres e prisão: a experiência do observatório de direitos humanos da Penitenciária Feminina Madre Pelletier*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

vetoricaroline@gmail.com